

Lances e Apostas

Fábrica cheia ou vazia?

ECONOMIA | A tese de que o Brasil se desindustrializa ganha força, mas ainda faltam evidências que confirmem a hipótese

POR GERSON FREITAS JR.

A TESE DE QUE O BRASIL passa por um processo acelerado de desindustrialização não é nova, mas tem ganhado espaço no debate econômico. Para muitos economistas, especialmente nas trincheiras desenvolvimentistas, a flagrante piora na balança comercial da indústria e o menor peso do setor na economia são sinais inequívocos de que o País caminha para voltar a ser um produtor e exportador de produtos primários, de baixo valor agregado, e um importador de bens manufaturados.

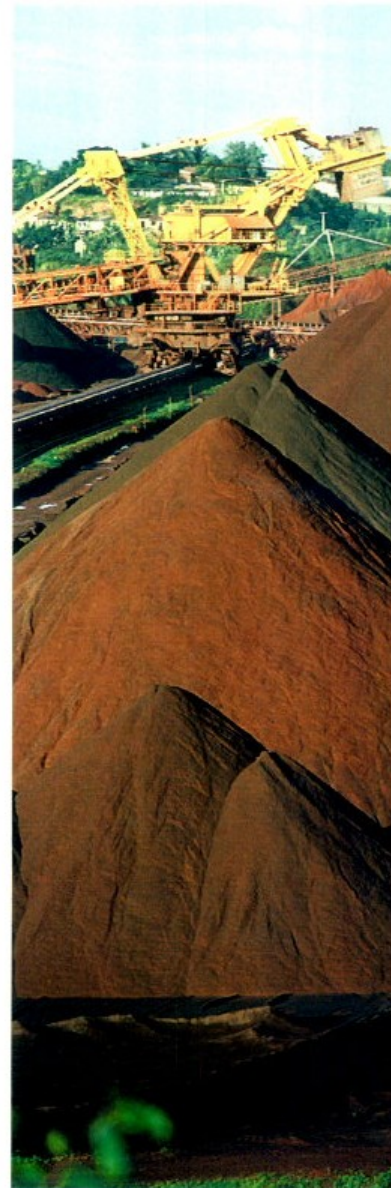
Os números chamam a atenção. No primeiro semestre de 2010, o saldo comercial da indústria de transformação em suas transações com o exterior registrou um déficit de 14,3 bilhões de dólares, o maior desde 1989. Nos segmentos de produtos com média e alta intensidade de tecnologia, o resultado foi o pior da série histórica. Este será o terceiro ano seguido em que a indústria vai importar mais do que exportar, após seis anos de saldos positivos.

O Brasil passou por um forte processo de industrialização entre as décadas de 1950 e 1980. Em 1947, a indústria de transformação respondia por 20% do Produto Interno Bruto (PIB). Em 1985, essa proporção chegou ao pico de 36%, quando

começou a declinar – atualmente, o setor participa com menos de 16%. Se o conceito clássico de desindustrialização – a perda de participação da indústria no total das riquezas produzidas no País – for aplicado à risca, então não restam dúvidas: o Brasil está se desindustrializando.

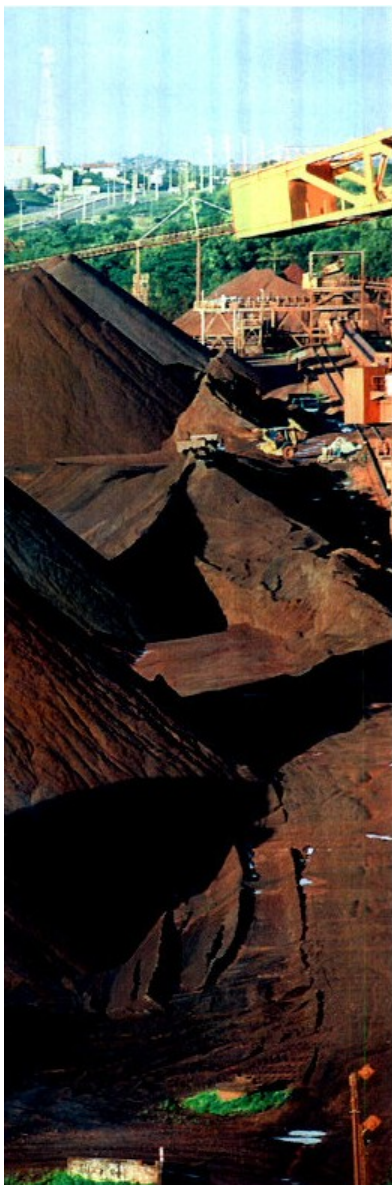
Contudo, outros dados parecem minimizar tal tendência. Segundo estudo publicado recentemente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), parte da queda de participação da indústria pode ser atribuída a mudanças de metodologia no cálculo do PIB, nos anos de 1990 e 1995. Feito o ajuste, conclui-se que a indústria chega a 2008 com uma participação de 22,9%, em vez de 15,6%. “É uma redução em relação aos 36% de 1985, mas muito menor”, sustenta o estudo.

David Kupfer, professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), também sugere cuidado na análise dos números. Segundo ele, o menor peso da indústria nas estatísticas reflete, em parte, o processo de terceirização ocorrido nas décadas de 1980 e 1990. “Muitas pessoas que antes eram empregadas pela indústria passaram a ser contabilizadas como funcionários de empresas terceirizadas ou cooperativas, embora continuem fazendo o mesmo traba-



lho, no mesmo local de antes. A forma de carimbar a atividade mudou, pois as empresas se reorganizaram de um modo que privilegiou o setor de serviços” explica.

Além disso, a indústria tem perdido espaço em todo o mundo. Segundo o estudo da FGV, a participação do setor na economia global caiu de 24,9%, em média, no período entre 1970 e 1972, para 16,6%, no triênio entre 2005 e 2007. As perdas foram particularmente expressivas nos países desenvolvidos, onde a fatia da riqueza



A indústria perde espaço em todo o mundo. No Brasil, cresce a produção ligada aos setores primários

Recuperação. A indústria naval e o ramo mineral registram alta nas encomendas

produzida pela indústria recuou, em média, de 25,3% para 14,9%. Em um grupo de 16 economias semelhantes à do Brasil, o peso da indústria diminuiu de 20,4% para 14,6%. A pesquisa indica ainda que, analisada a relação entre renda per capita e industrialização, uma economia com as características da brasileira teria uma fatia industrial muito menor do que a registrada no País nos anos 1970 e 1980. "Aparentemente, o Brasil sofreu uma 'sobreindustrialização' no passado", afirma

Regis Bonelli, um dos autores do trabalho.

Mesmo a China, com toda a sua pujança, viu sua indústria perder espaço em relação a outros setores da economia. Há 40 anos, as indústrias produziam 38,1% do PIB chinês; entre 2005 e 2007, essa proporção foi de 32,2%.

De modo geral, à medida que as economias crescem e se desenvolvem, a indústria perde participação na composição do PIB. A razão é simples: conforme a renda das famílias cresce e os hábitos de consumo se so-

fisticam, os gastos com viagens, restaurantes e educação tendem a crescer proporcionalmente mais do que aqueles com eletrodomésticos, por exemplo. Assim, a desindustrialização, antes um fenômeno negativo, pode indicar uma melhora no padrão de vida e do bem-estar de uma população.

A discussão é se a "desindustrialização" brasileira está associada ou não a tal fenômeno. Para o economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Rogério César de Souza, a resposta é não. "A renda per capita brasileira ainda está longe dos patamares alcançados pelos países desenvolvidos, onde houve essa mudança", observa. Paulo Francini, diretor de economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), vai na mesma direção e rejeita a comparação. "Não há no mundo país com as dimensões do Brasil, com quase 200 milhões de habitantes, que tenha se desenvolvido sem a indústria. Os chineses não fazem o que estão fazendo porque são amantes da indústria, mas porque sabem que esse é o caminho", defende. Francini chama a atenção para a capacidade de a indústria movimentar a economia. "Para cada 0,66% de crescimento da indústria, o PIB avança 1%. Para obter o mesmo resultado, o setor de serviços precisa crescer 1,15%."

Kupfer, da UFRJ, também rejeita a comparação. Segundo ele, a estrutura de serviços nos países desenvolvidos é muito mais sofisticada que no Brasil. "Estamos falando de serviços nas áreas de educação, finanças, cultura, lazer e tecnologia, que exigem uma mão de obra extremamente qualificada. No Brasil, a estrutura de serviços ainda é muito baseada no comércio, muitas vezes informal", observa